

Mortalidade relacionada a infecção por HIV/AIDS na adolescência no estado do Paraná de 2011-2020

Mortality related to HIV/AIDS infection in adolescence in the state of Paraná, 2011-2020

Mortalidad relacionada con la infección por HIV/AIDS en la adolescencia en el estado de Paraná, 2011-2020

Recebido: 27/09/2022 | Revisado: 07/10/2022 | Aceitado: 08/10/2022 | Publicado: 11/10/2022

Sthefany Julião Souza

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2547-1477>

Centro Universitário Ingá, Brasil

E-mail: sthejuliao@gmail.com

Andressa Martins Dias Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8020-9773>

Centro Universitário Ingá, Brasil

E-mail: prof.andressamartins@uninga.edu.br

Rosana Rosseto Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3373-1654>

Centro Universitário Ingá, Brasil

E-mail: prof.rosanaoliveira@uninga.edu.br

Resumo

Objetivo: Analisar a incidência da mortalidade por HIV/AIDS entre adolescentes no estado do Paraná. **Método:** Estudo descritivo, de séries temporais, realizado a partir de dados secundários referentes aos óbitos relacionados a AIDS entre adolescentes 10 a 19 anos, no estado do Paraná. **Resultados:** Identificou-se taxas elevadas de óbitos entre jovens de 15 a 19 anos, principalmente nos anos de 2013, 2014 e 2017. As notificações dos casos que evoluíram a óbitos estão relacionadas principalmente a adolescentes do sexo feminino, raça branca e com 8 a 11 anos de estudo. Embora os resultados constatados, destaca-se que devido o estigma social, no reconhecimento da gravidade da doença, e nas dificuldades de acesso a serviços de saúde e, conseqüentemente, na detecção precoce, é possível que tenha subnotificação de casos e de óbitos decorrentes da AIDS. **Conclusão:** Por se tratar de uma infecção crônica e permanente na maioria dos casos, é faz necessário conhecer as estatísticas da doença para se apurar as medidas preventivas que possam ser adotadas, bem como investigar as conseqüências futuras na qualidade de vida destes adolescentes.

Palavras-chave HIV; AIDS; Adolescente; Síndrome de Imunodeficiência Adquirida; Epidemiologia; Mortalidade.

Abstract

Objective: To analyze the incidents of AIDS mortality among adolescents in the state of Paraná. **Method:** A descriptive, time-series study, based on secondary data regarding AIDS-related deaths among adolescents aged 10 to 19 years, in the state of Paraná. **Results:** High death rates were identified among young people aged 15 to 19 years, especially in the years 2013, 2014 and 2017. The notifications of cases that evolved to death are mainly related to female adolescents, white and aged 8 to 11 years of study. Although the results found, it is highlighted that due to the social stigma, in the recognition of the severity of the disease, and in the difficulties of access to health services and, consequently, in the early detection, it is possible that there is underreporting of cases and deaths resulting from the disease. **AIDS.** **Conclusion:** As it is a chronic and permanent infection in most cases, it is necessary to know the statistics of the disease to determine the preventive measures that can be adopted, as well as to investigate the future consequences on the quality of life of these adolescents.

Keywords: HIV; AIDS; Adolescent; Acquired Immunodeficiency Syndrome; Epidemiology; Mortality.

Resumen

Objetivo: Analizar la incidencia de la mortalidad por AIDS entre los adolescentes del estado de Paraná. **Método:** Estudio descriptivo, de serie temporal, basado en datos secundarios sobre muertes relacionadas con el AIDS entre adolescentes de 10 a 19 años, en el estado de Paraná. **Resultados:** Se identificaron altas tasas de mortalidad entre los jóvenes de 15 a 19 años, especialmente en los años 2013, 2014 y 2017. Las notificaciones de casos que evolucionaron a muerte se relacionan principalmente con adolescentes del sexo femenino, blancas y de 8 a 11 años de estudio. A pesar de los resultados encontrados, se destaca que debido al estigma social, en el reconocimiento de la gravedad de la enfermedad, y en las dificultades de acceso a los servicios de salud y, en consecuencia, en la detección temprana, es posible que exista subregistro. de casos y muertes por la enfermedad AIDS. **Conclusión:** Por tratarse de una infección crónica y permanente en la mayoría de los casos, es necesario conocer las estadísticas de la enfermedad para determinar las

medidas preventivas que se pueden adoptar, así como investigar las consecuencias futuras en la calidad de vida de estos adolescentes.

Palabras clave: HIV; AIDS; Adolescente; Síndrome de Inmunodeficiencia Adquirida; Epidemiología; Mortalidad.

1. Introdução

A incidência de infecções sexualmente transmissíveis (IST) de forma geral é mais prevalente em adolescentes e muitos fatores interferem neste fato, como a descoberta da sexualidade, relacionamentos com múltiplos parceiros ou mesmo a visão ainda muito lúdica que estes apresentam em relação a própria vida, tendo a falsa ilusão de serem imunes ou invulneráveis as consequências. Fatores físicos e biológicos também tem culpabilidade nesta maior incidência, assim como fatores socioeconômicos. (Amoras, et al., 2015).

Por se tratar de uma IST, a infecção por Human Immunodeficiency Virus ou Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) é monitorada de forma mais enfática, sendo uma das poucas IST's que exige notificação compulsória. Tais condutas se justificavam pelo fato da infecção por HIV ter caráter permanente e de alto risco para mortalidade quando não tratada adequadamente. Outro fator agravante relacionado a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, ou como é mundialmente conhecida Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS), o indivíduo infectado a desenvolver doenças secundárias, que, por sua vez, encontra dentro do quadro da AIDS uma falha imunológica que pode levar o indivíduo a vulnerabilidade e em casos mais extremos a morte (Genz, et al, 2017).

Historicamente desde a sua descoberta, a cerca de 39 anos atrás, a AIDS é responsável direta ou indireta de um número expressivo de óbitos, e segundo autores, ainda há o risco de a doença voltar a ser o principal problema de saúde do século XXI. No cenário atual, a falta de orientação e informação sobre o assunto segue expondo indivíduos a infecção por HIV, em especial adolescentes. Estes fatos demonstram a importância de que a educação sexual seja prioridade desde a infância, pois, a intenção é que estes jovens cheguem a idade sexualmente ativa já instruídos de formas de prevenção e promoção a sua própria saúde, não somente pelo risco de infecção por HIV, mas também, levando em conta outras IST's. Diante do exposto, a literatura refere que as crianças e os adolescentes estão sendo assolados pelo chamado “mal silencioso” (Galano, et al., 2016).

Portanto é dever do profissional da área da saúde, estar sempre atualizado quanto as medidas de prevenção e as estatísticas sobre a doença, para que, assim, repasse esse conhecimento de forma clara, contextualizada, e de modo que promova conscientização sobre a doença e os fatores de risco relacionados (Silva, et al., 2012).

Assim, diante do exposto, o objetivo deste trabalho é analisar a incidência da mortalidade por AIDS entre adolescentes no estado do Paraná, entre o período de 2011-2020.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, de séries temporais, realizado a partir de dados secundários referentes aos óbitos relacionados a AIDS entre adolescentes 10 a 19 anos, no estado do Paraná, entre o período de 2011-2020 (Estrela, 2018).

A saber, o Estado do Paraná que está localizado na Região Sul do Brasil, possui uma área territorial de 199.315 km² e está dividido em 399 municípios e apresenta uma população de 10.444.526 habitantes (IBGE, 2010).

A coleta de dados foi realizada em maio de 2022 junto ao portal TABNET do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Este portal trata-se de um sistema de vigilância epidemiológica nacional, cujo objetivo é apresentar informações sobre as doenças, óbitos e nascidos vivos do país a fim de fornecer índices estatísticos sobre mortalidade, incidência, natalidade para todas as instâncias do sistema de saúde.

Ao realizar a coleta de dados, as seguintes etapas foram executadas: identificação do tema; formulação de uma base norteadora; busca de referências de dados ao tema; classificação e consideração de dados; e exposição dos dados em forma de gráficos. Foram consideradas como variáveis do estudo: ano, faixa etária, causas do CID- B, B-20 a B-24 e características

sociodemográficas como sexo, escolaridade, raça/cor.

Após identificar as informações de interesse, as mesmas foram compiladas em Excel e submetidas ao cálculo de taxas referentes a mortalidade. Este indicador é calculado através da relação do número de óbitos entre adolescentes por HIV/AIDS e suas complicações pelo número da população residente no espaço geográfico de interesse (estado do Paraná) durante o período analisado, por 100.000 habitantes.

Ressalta-se ainda que, por se tratar de dados secundários e que não há exposição/identificação dos participantes envolvidos de acordo com a Resolução CNS 466/2012, este projeto foi dispensado de ser submetido em Comitê de Ética e Pesquisa.

3. Resultados

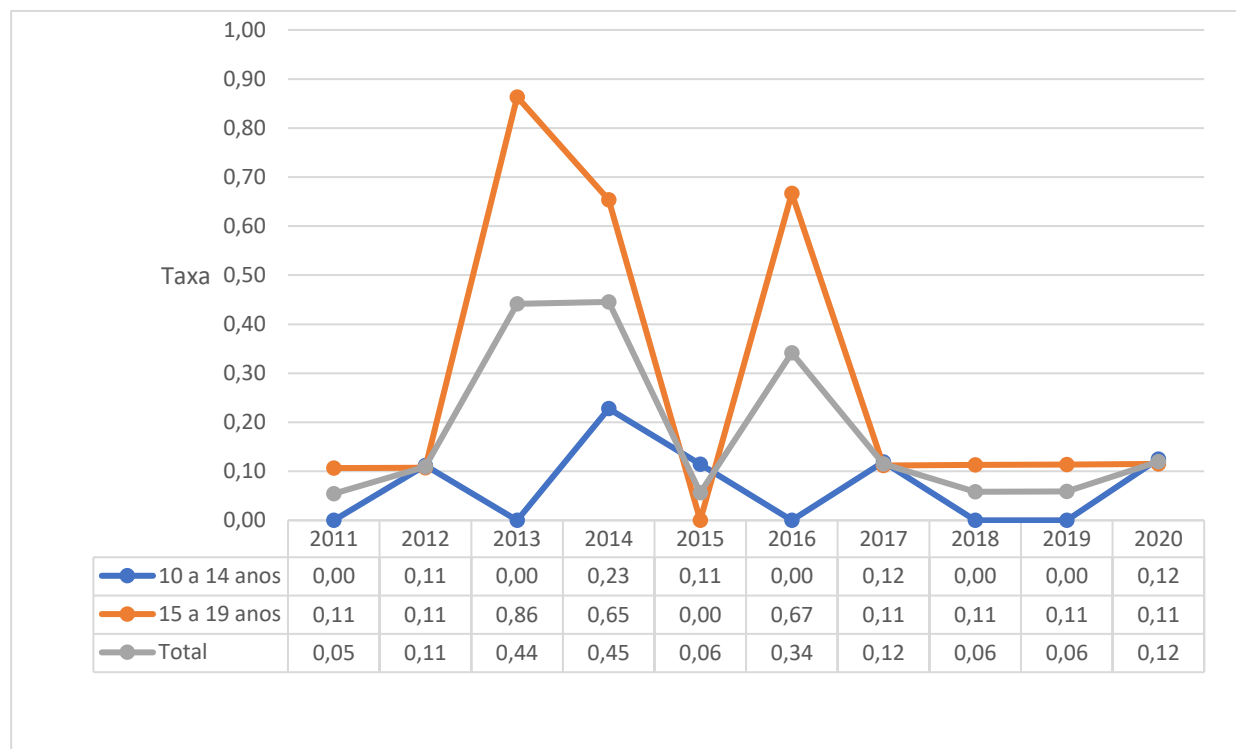
Para melhor apresentação dos dados, após compilar os mesmos, as faixas etárias foram organizadas em subdivisões, de acordo com a classificação utilizada pelo DATASUS, e denominada para fins didáticos como: Faixa 1 - 10 a 14 anos, e Faixa 2 - 15 a 19 anos.

As faixas etárias 1 e 2 foram dispostas em uma série histórica de 2011 a 2020 (figura 1), sendo possível observar que a faixa etária 1, teve seus três maiores picos de óbitos notificados em 2014, 2017 e 2020, apresentando taxas de 0,23, 0,12 e 0,12 respectivamente. Enquanto a faixa etária 2, apresentou três picos de notificações nos anos de 2013, 2014 e 2016 respectivamente com as taxas de 0,86, 0,65 e 0,67. Assim, ao comparar as duas faixas, constata-se que a faixa etária 2 é de fato a mais incidente.

Ressalta-se que ao analisar o conjunto de faixas etárias como um todo, identifica-se que nos anos de 2013, 2014 e 2016 contaram com as maiores taxas de incidência total sendo respectivamente estas 0,44, 0,45, e 0,34.

Na análise dos dados apresentados é possível incorrer que na faixa etária 1 teve período alternados entre incidência 0,00 e alto índice de casos notificados. Enquanto a faixa etária 2, também apresentou oscilações nas taxas de incidência, contudo com posterior um período de estabilidade entre os anos de 2017 e 2020.

Figura 1 – Série histórica das taxas de mortalidade por HIV/AIDS em adolescentes, segundo faixa etária. Paraná, 2011 a 2020.



Fonte: Departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil – DATASUS.

Na Figura 1 consta dados referentes a série histórica das taxas de mortalidade por HIV/AIDS em adolescentes, segundo faixa etária subdivididas por Faixa 1 - 10 a 14 anos, e Faixa 2 - 15 a 19 anos no Paraná de 2011 a 2020.

Além dos dados constatados na série histórica, ao analisar a tabela 1, foi possível apurar que segundo, a variável do sexo, a maior incidência de óbitos ocorreu no sexo feminino contando com 62,50% dos casos. Quanto a escolaridade, foi constatado que pessoas com escolaridade de 8 a 11 anos de estudo totalizaram 40,63% dos óbitos, sendo os menores índices encontrados entre os que não apresentam nenhum nível de escolaridade (6,25%) e entre pessoas com escolaridade de 12 anos de estudo ou mais (6,25%). Especificamente sobre a variável raça/cor a maior incidência de óbitos foi entre a raça branca com 65,63% dos casos. (Tabela 1).

Tabela 1 – Mortalidade por HIV/AIDS em adolescentes (frequências absolutas e relativas), segundo características sociodemográficas. Paraná, 2011 a 2020.

	2011 a 2015			2016 a 2020			Total		
	n	%	Taxa	n	%	Taxa	n	%	Taxa
Sexo									
Masculino	8	40,00	0,17	4	33,33	0,09	12	37,50	0,13
Feminino	12	60,00	0,27	8	66,67	0,19	20	62,50	0,23
Total	20	100,00	0,22	12	100,00	0,14	32	100,00	0,18
Escolaridade									
Nenhuma	2	10,00	0,02	-	0,00	0,00	2	6,25	0,01
1 a 3 anos	3	15,00	0,03	-	0,00	0,00	3	9,38	0,02
4 a 7 anos	7	35,00	0,08	5	41,67	0,06	12	37,50	0,07
8 a 11 anos	7	35,00	0,08	6	50,00	0,07	13	40,63	0,08
12 anos e mais	1	5,00	0,01	1	8,33	0,01	2	6,25	0,01
Total	20	100,00	0,22	12	100,00	0,14	32	100,00	0,18
Raça/cor									
Branca	14	70,00	0,15	7	58,33	0,08	21	65,63	0,12
Preta	2	10,00	0,02	2	16,67	0,02	4	12,50	0,02
Parda	4	20,00	0,04	3	25,00	0,04	7	21,88	0,04
Ignorado	0	0,00	0,00	-	-	-	-	-	-
Total	20	100,00	0,22	12	100,00	0,14	32	100,00	0,18

Fonte: Departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil – DATASUS.

Na Tabela 1 são apresentados dados referentes á taxa de mortalidade por HIV/AIDS em adolescentes, segundo características sociodemográficas como Raça/cor, Escolaridade e Sexo no Paraná de 2011 a 2020.

Assim ao analisar a série histórica e a tabela é possível inferir que no período de 2011 a 2020, as mortes por HIV/AIDS e suas complicações acometeram principalmente pessoas do sexo feminino, de cor branca, com escolaridade de 8 a 11 anos de estudo, sendo os jovens com idade entre 15 a 18 anos mais expostos a infecção por HIV.

4. Discussão

Logo após o surgimento da AIDS, em meados dos anos 80, a taxa de mortalidade devido a infecção por HIV era extremamente alta, em especial entre a população de adultos jovens. O perfil epidemiológico das pessoas convivendo com HIV/AIDS no Brasil e no mundo vem mudando ao longo dos anos (Santos, et al., 2020).

Inicialmente o perfil era composto majoritariamente por homens, contudo hoje esse perfil tem se modificado e a taxa de infecção entre homens e mulheres em alguns estados já tem atingido o limiar de 1/1. Especificamente sobre adolescentes do sexo feminino tende a ter os maiores índices de infecção. Os especialistas descrevem uma tendência de aumento na taxa de infecção entre este público e na grande parte dos estados tende a atingir com mais frequência mulheres negras e periféricas (Rocha, et al., 2013).

Há um número significativo de jovens do sexo masculino como do sexo feminino que não fazem uso de métodos protetivos contra a infecções sexualmente transmissíveis, seja por questões emocionais e de vínculo com parceiro e depositar confiança no mesmo, ou por interesse em prazer imediato sem considerar possíveis consequências em não se proteger. Neste

sentido, diante da cultura social sobre o homem ser considerado vulnerável ao utilizar métodos preventivos, as mulheres acatam o sexo não seguro e assim se tornam mais expostas (Garcia, et al., 2022).

Embora a maior parte dos casos de HIV/AIDS estejam relacionadas a relações sexuais desprotegidas, é importante destacar que a população jovem também é susceptível a doença, devido ao uso de drogas e compartilhamento de dispositivos que tiveram contato com sangue e outro fluídos, como por exemplo injetáveis. Embora neste estudo o maior número de notificações diz respeito a jovens mulheres, outros estudos apontam maior prevalência entre homens, em especial devido a comportamentos de riscos alicerçados em cultura de valor da masculinidade (Knauth, et al., 2020).

No que diz respeito a faixa etária mais incidente neste estudo, destaca-se que coincide com o início da vida sexual dos adolescentes, como já mencionado, o período de descoberta da sexualidade, a puberdade, em conjunto ainda com a falta de maturidade, informação e preparo para a vida sexual leva a um aumento de infecções e consequentemente um aumento nos casos de óbitos relacionado ao HIV/AIDS (Seidl, et al., 2005).

Atualmente, a iniciação da vida sexual é cada vez mais precoce, contudo observa-se diversos tabus e dificuldades em abordar o tema nos lares e nos espaços sociais, dificultam a sensibilização deste público (Gonçalves, et al., 2015).

A geração que vivenciou a grande epidemia de HIV nos anos 80, construiu acerca da infecção um pânico que de alguma forma contribuiu para a efetividade das campanhas de prevenção ao HIV, e a conscientização sobre o uso de preservativos. Essa geração viveu e viu todos os processos do início da doença, os mitos que cercaram aquele momento, os primeiros casos no país, as primeiras tentativas de tratamento (Lourenço, 2021).

Já as gerações mais recentes tendem a ter menos receio em relação as IST's, apesar de terem mais acesso as informações e a recursos de prevenção. Hoje não existe mais o medo que antes cercava essa infecção, o jovem moderno tende a banalizar as IST's, justamente pelo fato de já existir tratamento médico para controle da doença. Os dados apresentados por estes e por outros trabalhos demonstram que não se deve relevar a prevenção pois mesmo com todo o arsenal de tratamentos e pesquisas relacionadas ainda há uma taxa de óbitos importante relacionadas a infecção por HIV (Moretto, 2021).

Em relação a escolaridade de 8 a 11 anos de estudo, este período coincide com a transição do ensino fundamental e o início do ensino médio, bem como com início da vida sexual da maioria dos jovens (Cunha, et al., 2022).

Contudo, é necessário destacar que, segundo estudos realizados, quanto menor o nível de escolaridade (anos de estudo) o indivíduo, maior é a sua exposição a risco de transmissão, devido à falta de conhecimento sobre a doença e a sua gravidade. O que reforça a necessidade de conscientização da população jovem sobre o tema, por meio dos diferentes espaços sociais e canais de comunicação, não se limitando a escola (Goulart, et al., 2018).

O Paraná segue a tendência da maior parte dos estados brasileiros nos dados que dizem respeito sobre de sexo, idade e escolaridade, mas, tende a ir na contramão em relação a raça/cor, o que pode ser justificada pela massiva colonização europeia, a população branca no estado do Paraná é superior em números em relação as demais raças (IBGE, 2010).

Segundo uma pesquisa de coorte sobre sobrevivência de pacientes acometidos por HIV/AIDS, identificou-se que além de ser a população mais exposta, a raça parda e negra também é a que apresentar maior índices de mortalidade, o que o segundo o próprio estudo enfatiza a necessidade de investigar sobre a relação entre a população negra/parda e o acesso à informação e/ou ao tratamento adequado (Melo, et al., 2019).

Assim é possível afirmar que há a possibilidade de os dados investigados sofrerem subnotificação, considerando que há indivíduos que podem desenvolver a doença e evoluir a óbito sem que tenha sido atendido por algum serviço de saúde (Melo, et al., 2016).

Diante da constatação que os dados coletados neste estudo em parte não coadunam com literatura e a realidade nacional, é necessário que novos estudos mais abrangentes sejam realizados, pois, permitiria, fazer um comparativo em maior escala,

destacar as particularidades presentes no sistema de saúde, e assim também definir um perfil dos óbitos em adolescentes em âmbito nacional (Vieira, et al., 2021).

Existe também o problema da subnotificação de óbitos decorrentes de complicações da infecção por HIV/AIDS, como a AIDS é uma doença imunossupressora, talvez não seja identificada corretamente ao se definir a causa do óbito, e assim o caso pode não ser incluso nas estatísticas sobre este agravo. A falta de estrutura em alguns municípios pode dificultar a alimentação dos bancos de dados ou criar um déficit nos dados apresentados, assim com as barreiras para acesso ao tratamento adequado aos indivíduos com vulnerabilidade socioeconômica e baixa escolaridade (Coelho, 2019).

Para uma efetiva mudança no que diz respeito a prevenção das IST's, é primordial incluir os pais e tutores nesta discussão, muitos ainda enxergam educação sexual de uma forma mistificada e cheia de tabus, ou ainda, por ter uma visão infantil dos próprios filhos encontram dificuldade em aceitar que essa orientação em relação a sexualidade seja realizada. Ao conscientizar os pais e tutores é possível gerar uma mudança de hábitos que por consequência vão atingir as gerações mais novas (Faleiro, et al., 2013).

Especificamente quanto ao papel da Enfermagem para sensibilização da população, é importante que esta área profissional adeque suas ferramentas de conscientização para o público alvo desejado, e ainda, em casos de jovens e adolescentes já infectados pelo HIV, é importante manter a orientação quanto a promoção a saúde, essas ações, evitam que este adolescente chegue a sofrer as consequências da AIDS em si, e evita também que por falta de informação está infecção atinja futuros parceiros sexuais (Higa, et al., 2015).

5. Conclusão

Conforme demonstrado no presente estudo é possível concluir que, entre os anos de 2011 á 2020 maior incidência de mortes por AIDS e HIV entre os adolescentes do sexo feminino, de cor branca, com escolaridade de 8 a 11 anos de estudo, com idade entre 15 a 19 anos. De acordo com a literatura, os adolescentes e jovens adultos têm apresentado índices elevados de contaminação pelo HIV e outras IST's, devido a banalização do uso de preservativo, o uso de contraceptivos que não oferecem qualquer nível de proteção contra IST's (Knauth, et al., 2020).

A Resposta Brasileira ao HIV/AIDS, ainda convive com grandes desafios. A realização do diagnóstico precoce é um deles. Uma realidade que o Governo Federal, em conjunto com os estados e municípios, tem enfrentado por meio de campanhas de mobilização em escolas, com ensinamentos mais amplos voltados para explicação das doenças sexualmente transmissíveis e, a ampliação do diagnóstico.

Com o aumento da testagem, há a tendência de aumento do número de casos de AIDS no país, como também o aumento do número de pessoas em tratamento, o que contribui para melhor controle sobre a doença, e maior efetividade de ações para prevenção de novos casos.

A área da saúde e os profissionais têm papel indispensável, seja no cuidado direto ao paciente já contaminado, ou atuando em pesquisas e estudos que vão influenciar no tratamento, prevenção e conscientização sobre a doença. Hoje, em relação ao HIV/AIDS é necessária uma abordagem diferente para conscientização de jovens e dos próprios profissionais de saúde em instruir cuidados de prevenção e detecção, assim como em notificar corretamente todos os casos constatados.

Referente a novos estudos, o ideal seria que o foco da discussão fosse a educação em saúde em si, trazer os jovens e adolescentes a conscientização, explorar uma forma de iniciar o diálogo com pais e responsáveis, para que, não se fique somente explorando dados de óbitos e sempre vendo o aumento, mesmo que discreto desses índices. Fica a cargo das novas gerações de pesquisadores influenciar de alguma forma o cenário da educação em saúde e conseguir conscientizar os jovens e adolescentes de forma efetiva. Dados atualizados em relação a esse assunto, propiciariam um acompanhamento e uma evolução do cenário geral, identificando, portanto, através destes, se as iniciativas de educação tanto discutidas estão tendo algum reflexo na realidade

destes jovens.

Agradecimentos

À Professora, Andressa Martins Dias Ferreira, que acreditou no meu potencial, pela orientação no desenvolvimento deste trabalho e por me ensinar a buscar o conhecimento científico, sempre respeitando minha forma de pensar;

À professora e co-orientadora Rosana Rosseto Oliveira, por ter sido um instrumento fundamental para este trabalho, pela paciência comigo, me guiando no que fosse necessário e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização e sucesso deste artigo.

Referências

- Amoras, B. C., Campos, A. R., & Beserra, E. P. (2015). Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades Do Curso de Ciências Sociais Da UNIFAP*, 8(1), 163–171. <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1668>.
- Coelho, R. de A. (2019). Estudo da distribuição da subnotificação do HIV/aids no Brasil, 2012 a 2016. *Repositorio.unb.br*. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35748>.
- Cunha, A. P. da Cruz, M. M. da, & Pedroso, M. (2022). Análise da tendência da mortalidade por HIV/AIDS segundo características sociodemográficas no Brasil, 2000 a 2018. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27, 895–908. <https://doi.org/10.1590/1413-8123202273.00432021>.
- Estrela, C. (2018). *Metodologia Científica: Ciência, Ensino, Pesquisa*. Editora Artes Médicas.
- Faleiro, J. H., Malafaia, G., & Gonçalves, R. C. (2013). Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *HOLOS*, 5, 251–263. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481548607021>.
- Galano, E., Turato, E. R., Delmas, P., Côté, J., Gouvea, A. de F. T. B., Succu, R. C. de M., & Machado, D. M. (2016). Vivências dos adolescentes soropositivos para HIV/Aids: estudo qualitativo. *Revista Paulista de Pediatria*, 34(2), 171–177. <https://doi.org/10.1016/j.rpped.2015.10.004>.
- Garcia, E. C., Costa, I. R., Oliveira, R. C. de, Silva, C. R. L. da, Góis, A. R. da S., & Abrão, F. M. da S. (2022). Representações sociais de adolescentes sobre a transmissão do HIV/AIDS nas relações sexuais: vulnerabilidades e riscos. *Escola Anna Nery*, 26. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2021-0083>.
- Genz, N., Meincke, S. M. K., Carret, M. L. V., Corrêa, A. C. L., & Alves, C. N. (2017). Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 26(2). <https://doi.org/10.1590/0104-07072017005100015>.
- Gonçalves, H., Machado, E. C., Soares, A. L. G., Camargo-Figuera, F. A., Seerig, L. M., Mesenburg, M. A., Guttier, M. C., Barcelos, R. S., Buffarini, R., Assunção, M. C. F., Hallal, P. C., & Menezes, A. M. B. (2015). Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 18(1), 25–41. <https://doi.org/10.1590/1980-5497201500010003>.
- Goulart, A., Silva, D. V. da, Carnevali, A. D. C., Reis, E. D. F. P., Dias, R. A. P., & Carlos-Bender, J. (2018). O conhecimento de estudantes sobre o hiv/aids e a importância de jogos e teatro na reconstrução de conceitos relacionados ao tema. *Ensino, saúde e ambiente*, 11(2). <https://doi.org/10.22409/resa2018.v11i2.a21289>.
- Higa, E. de F. R., Bertolin, F. H., Maringolo, L. F., Ribeiro, T. F. S. A., Ferreira, L. H. K., & Oliveira, V. A. S. C. de. (2015). A intersetorialidade como estratégia para promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 19(suppl 1), 879–891. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0751>.
- IBGE. (2010). Censo Brasileiro de 2010. *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/panorama>.
- Knauth, D. R., Hentges, B., Macedo, J. L. de, Pilecco, F. B., Teixeira, L. B., & Leal, A. F. (2020). O diagnóstico do HIV/aids em homens heterossexuais: a surpresa permanece mesmo após mais de 30 anos de epidemia. *Cadernos de Saúde Pública*, 36, e00170118. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00170118>.
- Lourenço, T. (2021). Infecções sexualmente transmissíveis entre jovens preocupam. *Jornal da USP*. <https://jornal.usp.br/atualidades/infecoes-sexualmente-transmissiveis-entre-jovens-preocupam-especialista/>.
- Melo, M. C. de, Ferraz, R. de O., Nascimento, J. L. do, & Donalizio, M. R. (2016). Incidência e mortalidade por AIDS em crianças e adolescentes: desafios na região sul do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(12), 3889–3898. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152112.11262015>.
- Melo, M. C. de, Mesquita, F. C., Barros, M. B. de A., La-Rotta, E. I. G., & Donalizio, M. R. (2019). Sobrevida de pacientes com aids e associação com escolaridade e raça/cor da pele no Sul e Sudeste do Brasil: estudo de coorte, 1998-1999*. *Epidemiologia E Serviços de Saúde*, 28(1). <https://doi.org/10.5123/s1679-49742019000100012>.
- Moretto, J. D. A. (2021). Enfrentamento da soropositividade ao HIV/Aids na atualidade. *Repositorio da UFU*. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33624>.
- Rocha, S., Vieira, A., & Lyra, J. (2013). Silenciosa conveniência: mulheres e Aids. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 11, 119–141. <https://doi.org/10.1590/s0103-33522013000200005>.
- Santos, A. C. F., Mendes, B. S., Andrade, C. F., Carvalho, M. M. de, Espírito-Santo, L. R., D'Angelis, C. E. M., & Prince, K. A. de. (2020). Perfil epidemiológico dos pacientes internados por HIV no Brasil. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 48, e3243. <https://doi.org/10.25248/reas.e3243.2020>.

Seidl, E. M. F., Rossi, W. dos S., Viana, K. F., Meneses, A. K. F. de, & Meireles, E. (2005). Crianças e adolescentes vivendo com HIV/Aids e suas famílias: aspectos psicossociais e enfrentamento. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 21(3), 279–288. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722005000300004>.

Silva, L. D. da, Beck, C. L. C., Dissen, C. M., Tavares, J. P., Budó, M. de L. D., & Silva, H. S. da. (2012). O enfermeiro e a educação em saúde: um estudo bibliográfico. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 2(2), 412–419. <https://doi.org/10.5902/217976922676>.

Vieira, G. N., Moraes Ferreira, L., Sousa, R. J. de A., Costa, A. G. de S., Filgueiras, L. A., & Almeida, Y. S. (2021). O HIV/AIDS entre os jovens no Brasil: revisão integrativa da literatura. *Health and Biosciences*, 2(1), 16–30. <https://doi.org/10.47456/hb.v2i1.32460>.